O ESTADO DE S. PAULO

POLÍTICA

TURBULÊNCIA NA BASE

Presidente sai a campo em busca de reconciliação com ACM e Tasso

Governador almoça no Alvorada e senador mostra disposição em retomar diálogo

ISABEL BRAGA e CARMEN KOZAK

Dida Sampaio/AE

Fernando Henrique, com o presidente do Senado: conversa a sós deve ocorrer na sexta-feira

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso avançou ontem no esforço de reaproximação de dois importantes aliados: o presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), e o governador do Ceará, Tasso Jereissati (PSDB). Depois de três meses de um distanciamento respeitoso, Tasso aceitou convite de Fernando Henrique e almoçou no Palácio da Alvorada. ACM, que há dois meses briga com o governo por causa do salário mínimo, tentou demonstrar ontem que não há crise com o presidente. E foi longe. "Só não fizemos sexo", ironizou o senador, dando uma sonora gargalhada.

Há alguns dias, ACM tem demonstrado disposição em retomar o diálogo com o presidente. A resposta inusitada foi dada quando lhe foi perguntado por que estava com uma expressão sisuda ao lado de Fernando Henrique durante a cerimônia de inauguração do novo parque gráfico do jornal *Correio Braziliense*. "Eu não; eu estava até no maior amor com o presidente", brincou, antes da frase sobre o grau de intimidade entre ambos.

Os articuladores da aproximação de ACM com Fernando Henrique pretendem que eles tenham uma conversa a sós na sexta-feira, provavelmente na Ilha de Comandatuba, na Bahia, onde estarão participando das comemorações dos 500 anos do Descobrimento. A operação está sendo conduzida há duas semanas. Participam dela os ministros Pedro Parente, da Casa Civil, e Aloysio Nunes Ferreira, da Secretaria-Geral da Presidência, e integrantes da ala baiana do PFL.

CEARENSE DEFENDEU MÍNIMO DE R$ 151

Depois de resistir aos argumentos, ACM começou a ceder. Baixou o tom do discurso em favor de um salário mínimo superior aos R$ 151 e amenizou o apoio às manobras de obstrução das votações do Congresso conduzidas pelos partidos de oposição. Nas conversas com a imprensa tem repetido que não tem problemas em relação ao presidente e considera a questão do mínimo pontual. "A aliança não está em discussão", diz o presidente do Senado.

Mas ACM não abre mão de tentar votar a medida provisória do salário mínimo no dia 26. "Vou votar porque está marcado", repetiu. "Se não houver acordo, vai haver sessão." Mas negou que isso seja um confronto com o Planalto. Assim como os interlocutores de Fernando Henrique, o presidente do Senado passou a responsabilizar a imprensa pelas "supostas" divergências entre ambos. "Ele (Fernando Henrique) já me explicou que vocês (jornalistas) é que fizeram um inferno."

Diferenças menores – O almoço oferecido por Fernando Henrique a Tasso Jereissati balizou a reaproximação dos dois. O governador cearense saiu do encontro defendendo a preservação da aliança que dá sustentação ao governo, mas não abriu mão do apoio à candidatura da ex-mulher do presidenciável Ciro Gomes, Patrícia Gomes (PPS), à prefeitura de Fortaleza. "As alianças municipais não são obrigadas a repetir a aliança nacional", afirmou Tasso. "Se fosse o PSDB, não poderia estar coligando-se ao PT para disputar a prefeitura de Rio Branco."

Ele evitou comentar as divergências que o levaram ao distanciamento do presidente. A gota d'água, confirmam parlamentares cearenses, foi a entrevista concedida por Fernando Henrique, em fevereiro, à revista *Época*. Na entrevista, o presidente responsabiliza Tasso por sua derrota no Ceará na campanha para a reeleição e critica sua opção política regional por Ciro Gomes, dando a entender que com isso o governador tucano estava excluído da sucessão presidencial. "Não foi um encontro de reaproximação, por que não havia distanciamento; foi um almoço para pôr a conversa em dia", disse Tasso, com diplomacia.

Tentando demonstrar que está disposto a retomar seu posto entre os interlocutores mais próximos do presidente, ele defendeu a união dos partidos aliados e o fim das divergências. "Politicamente, é importante que a aliança seja mantida e as diferenças menores deixadas de lado para preservar o crescimento econômico." O governador disse concordar com a avaliação de Fernando Henrique de que o Brasil superou a fase mais delicada da estabilização econômica. "Estamos com as portas abertas para o crescimento." Por isso defendeu a aprovação do mínimo de R$ 151.